



miguilim

revista eletrônica do netli

volume 8, número 3, set.-dez. 2019

O REAL E AS APARÊNCIAS NA PERSONAGEM REI CLÁUDIO NO COMANDO DA COROA DINAMARQUESA EM HAMLET, DE WILLIAM SHAKESPEARE



THE ROYAL AND APPEARANCES IN THE CHARACTER KING CLAUDIUS IN COMMAND OF THE DANISH CROWN ON HAMLET, BY WILLIAM SHAKESPEARE.

Adelson Oliveira MENDES
Thiago Martins Caldas PRADO

Universidade do Estado da Bahia, Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)

RECEBIDO EM 17/08/2019 • APROVADO EM 22/01/2020

Resumo

A usurpação da coroa pelo rei Cláudio fez com que ele mesmo chegasse ao poder do reino na Dinamarca, entretanto é preciso entender como os bastidores da cena política da corte favoreceram tal ato. Tendo por referência a obra *Gertrudes e Cláudio*, de Updike, um romance que relê a peça *Hamlet*, de Shakespeare, foi realizado um estudo do ato usurpatório, das suas motivações e evoluções presentes na personagem Cláudio. A. C. Bradley atribui elogios à gestão do rei Cláudio. George Wilson Knight assume sua defesa ao rei dinamarquês e, ainda,

culpabiliza a loucura desenfreada do príncipe Hamlet. Rodrigo Lacerda também toma frente à crítica shakespeariana a favor do rei Cláudio e diz que o então rei faz um governo real, e não na ilusão do deveria. A usurpação, o fratricídio e a dualidade com seu sobrinho compõem a cena do rei Cláudio ao mesmo tempo em que o irmão sustenta, com maquinações maquiavélicas, os bastidores da corte.

Abstract

The usurpation of the crown by King Claudio brought him to the power of the kingdom in Denmark; however, it is necessary to understand how the backstage of the political scene of the court favored such an act. With reference to, the work *Gertrudes and Claudius* of Updike, a novel that re-plays Shakespeare's Hamlet, this paper studies the usurpatory act, its motivations and evolutions present in the character Claudius carried out. A. C. Bradley attributes praise to the management of King Claudius. George Wilson Knight assumes his defense to the Danish king and still applies the madness to Prince Hamlet. Rodrigo Lacerda, also takes on the shakespearean criticism in favor of the king Claudius and says that the then king, makes a real government and not in the illusion of the should. The usurpation, the fratricide and the duality with his nephew compose the scene of the king Claudius at the same time that it sustains, with Machiavellian machinations, the backstage of the court.

Entradas para indexação

PALAVRAS-CHAVE: Shakespeare. Maquiavel. rei Cláudio. Coroa.

KEYWORDS: Shakespeare. Machiavelli. King Cláudio. Crown Five.

Texto integral

Sabe-se que William Shakespeare fez releituras das histórias dinamarquesas, o exemplo maior disso é a peça *Hamlet*. Harold Bloom (2001) afirma que Shakespeare foi um inventor e, para além disso, um inventor da humanidade e também do contemporâneo. Shakespeare adaptou sua peça sobre a lenda do historiador medieval Saxo Grammaticus, intitulada: *The Danish History*, e da versão de François de Belleforest, intitulada: *Histoires tragiques*, uma adaptação livre da obra de Saxo. No entanto, sobre a adaptação shakespeariana, há inúmeras lacunas que muitos críticos, tanto de ciência literária quanto política, buscam interpretá-las. É sobre essas características não encontradas no clássico shakespeariano que a obra *Gertrudes e Cláudio* se destaca.

Na peça *Hamlet*, a personagem rei Cláudio apresenta-se como um rei usurpador, estrategista em sua dualidade, dissimulado, por vezes tirano e atuando como se estudasse seu papel como rei. São vários os posicionamentos críticos à personagem rei Cláudio, atribuindo elogios a sua maneira de governar, sendo eles positivos e negativos. John Updike, em *Gertrudes e Cláudio*, sugere uma visão para aplacar todas as especulações, dando, durante seu romance, comportamentos que o configuram como um futuro rei usurpador, porém faz grandes elogios a esse

mesmo monarca. Boa parte da sua má imagem no campo da fortuna crítica shakespeariana pode ser atribuída à centralidade da crítica no protagonismo do príncipe Hamlet. Essa dota o então rei Cláudio de estratégias para a eliminação do príncipe, haja vista que o apelo ao passado outrora favorável ao príncipe Hamlet poderia trazer grandes problemas à corte dinamarquesa frente à nova liderança real. Por esse motivo, o rei Cláudio adota planos e estratégias maquiavélicas, pois sabe que a *fortuna* é inevitável quando não se trabalha bem a *virtù*.

1 A personagem rei Cláudio e seu ato de governar

Se a personagem rei Cláudio foi usurpadora, isso será discutido durante esse estudo e para entendermos como se originou essa ânsia de poder na personagem rei Cláudio, tomemos por referência o romance *Gertrudes e Cláudio*. Logo no princípio do romance, notamos que a jovem Gertrudes (Gerutha) foi obrigada a casar com o rei Hamlet (Howendil), que não tinha sangue real, era um juto. Para além da falta de sentimento, o rei passava muito tempo conquistando terras, longe de Elsinore e da rainha. Na oportunidade, Cláudio (Feng) aproxima-se da então rainha, tentando conquistá-la. Sugere-se, no romance, uma ideia de que eles já tiveram alguma aproximação bem íntima no passado (antes do tempo da peça). A partir disso, observamos que Shakespeare, como dito por Harold Bloom (2004: p.64), “não resolve o enigma em torno da antiguidade do relacionamento entre Gertrudes e Cláudio”. Nota-se, em Updike, a resposta não dita pelo bardo inglês no diálogo entre Cláudio e Gertrudes sobre a ausência de Cláudio em seu casamento com o rei Hamlet e a possível falta sentida pela rainha.

Pois eu a senti, embora não nos víssemos desde meus tempos de menina, quando de vez em quando o senhor me dirigia um olhar. Muitas vezes tenho pensado naquela época. O irmão do marido é uma figura de interesse, pois nos dá uma outra versão dele [...] (UPDIKE, 2001: p. 55).

A partir disso, Cláudio se aproxima de Gertrudes. O rei Hamlet nada sabia. Em diálogos com a rainha, Cláudio começa a analisar sua diferença de riquezas com o então rei Hamlet; diante disso, origina-se o sentimento de inveja. Frente a tal realidade, a *fortuna* foi bem generosa com a personagem Cláudio, em *Gertrudes e Cláudio*, tendo em vista que seus planos com o súdito real Polônio foram bem sucedidos à tomada do trono da Dinamarca. A ocasião¹, tema central da obra *O Príncipe*, de Nicolau Maquiavel, impulsionou, após a tomada da coroa por Cláudio, a origem do segundo tema maquiavélico no Castelo de Elsinore: a *virtù*. Sobre o discurso entre Cláudio e Gertrudes, antes da tomada do palácio real, nota-se a

¹ Maquiavel define *Virtú* e *fortuna*: *Fortuna* é o contrapeso de *virtù*: o príncipe virtuoso não deve deixar escapar a ocasião, assim como aquele que apenas tem a ocasião, mas não é virtuoso, não passa de um oportunista que não conseguirá se manter no poder, portanto, *fortuna* configura-se como o acaso.

desigualdade de poder entre os irmãos. Tal desigualdade é bem explicitada por Updike em seu romance nas primeiras páginas da primeira parte:

Rorik havia presenteado Horwendil e seu irmão com propriedades senhoriais adjacentes a duas horas dali, em direção ao interior. A de Feng era a menor, com apenas noventa servos, embora os dois irmãos houvessem corrido os mesmos riscos e passado pelas mesmas provações nas costas da Noruega e Suécia (UPDIKE, 2001: p. 21).

No romance de Updike, vemos também na fala da personagem Cláudio que o rei Hamlet gostava de comparar as fortunas, sendo a sua a maior. O ódio, oriundo dessas comparações desnecessárias feita por um homem de poder, acabou desencadeando as estratégias bem sucedidas, elaboradas pela personagem Cláudio. Como prova dos diálogos humilhantes entre o rei Hamlet e seu irmão Cláudio, a citação abaixo comprova a origem da vingança por parte do humilhado. Em diálogo com Gertrudes, Cláudio diz:

Meu destino [...] é ser sempre visto como uma versão menor de meu irmão. Por isso vivo viajando para lugares onde tal comparação não seja feita. Imaginei que, ao se casar com a filha do rei Rorik, ele estaria ganhando mais uma oportunidade de comparar desfavoravelmente a minha fortuna com a dele (UPDIKE, 2001: p. 55).

Durante todo o romance, Cláudio arma estratégias nada ortodoxas para seduzir a rainha – e a *fortuna* o favorece – conquistando-a. Na terceira parte do romance *Gertrudes e Cláudio*, vê-se a descoberta do rei Hamlet da existência do romance entre sua esposa (Gertrudes) e seu irmão (Cláudio). O rei Hamlet convida seu irmão para uma conversa particular e confirma a desigualdade entre ambos, fato que nunca agradou a Cláudio. Na sala real do castelo, o rei Hamlet diz:

Se não desejas esposa [...], é talvez por já teres uma espécie de esposa – a esposa de outro [...]. Sempre foste inferior a mim, Fengon – uma sombra imunda constantemente à espreita, inferior em força, menos justo, menos estudioso, menos querido por nossos padres instrutores e por nosso pai, sim, eu o afirmo (UPDIKE, 2001: p. 149-152).

Nessa descoberta, Cláudio, Polônio (Corambus) e Gertrudes correm risco de serem decapitados. Polônio decide agir com a personagem Cláudio e torna-se cúmplice do assassinato do rei Hamlet por julgar o rei Hamlet um usurpador, pois não tinha sangue real para liderar o trono e, possivelmente, por ter um sentimento de desejo sexual pela rainha, segundo Updike. O conselheiro, portanto, facilita as passagens para Cláudio ter acesso restrito ao local de descanso do irmão (rei

Hamlet). Existem aqui duas referências bíblicas: Esaú e Jacó, pelo ato do irmão mais jovem possuir o poder do primogênito, e Caim e Abel, pelo ato do fratricídio. Em *Gertrudes e Cláudio*, fica evidente o envolvimento de Polônio ao ato.

Após os passos apresentados por Updike, compreendemos como se deu o ato do fratricídio que acarretou à usurpação do trono dinamarquês. Logo, caberá discutir, com teóricos shakespearianos e teóricos políticos, o papel de monarca da personagem rei Cláudio em *Hamlet*, de Shakespeare.

Como já mencionado acima, o rei Cláudio ativa duas referências bíblicas, uma a Caim e Abel e outra a Esaú e Jacó, essa última pelo fato de o primogênito ter perdido a sua posição para outro irmão mais novo, enquanto a Caim e Abel, ganha-se maior lembrança quando Mário Amora a descreve minuciosamente,

Logo no Primeiro Ato se tem notícia de um fratricídio, ocorrido antes mesmo do início da peça *A Ratoeira*. O rei Cláudio envenenara o antigo rei, seu irmão, para se casar com a viúva, a rainha Gertrudes, e assumir o trono. É bem verdade que a credibilidade de depoimento de um fantasma pode ser posta em dúvida, mas o rei se trai na hábil representação de uma ‘peça dentro da peça’, com seu texto devidamente alterado pelo esperto príncipe Hamlet. Já se tem neste início uma primeira referência bíblica, do assassinato de Abel por seu irmão Caim (AMORA, 2006: p. 158).

Sobre as falas do rei Cláudio, no Ato I, Cena II, e logo em seguida no Ato III, Cena III, Amora argumenta:

Invejoso, ele matou seu irmão Abel. Curiosamente é o rei que faz duas referências a Caim. Na primeira dirigindo-se a Hamlet, ele diz que os pais morrem antes dos filhos desde o ‘primeiro cadáver’, que foi justamente Caim. Na segunda, sozinho em cena, ele se refere ao ‘assassinato de um irmão’ (AMORA, 2006: p. 160).

Quando no poder, o rei Cláudio mantém o governo dinamarquês funcionando perfeitamente segundo as idiossincrasias de George Wilson Knight (1967). Ele descreve a preocupação do então rei Cláudio com a coroa e sua recente posição de rei. Logo quando o rei Cláudio assume o trono dinamarquês, no I Ato, se depara com o único problema internacional, a ameaça do jovem príncipe norueguês Fortimbrás frente às tropas, objetivando cortar caminho à Polônia pela Dinamarca. Em solução a tal fato, Knight diz:

Agora Cláudio não é desenhado como totalmente mal, longe disso. Nós vemos o governo da Dinamarca funcionando sem problemas. Mostra Cláudio todos os sinais de ser um excelente diplomata e rei. Ele está preocupado com o jovem Fortimbrás, e

despacha embaixadores ao rei da Noruega doente, exigindo que ele reprima os ataques de seu sobrinho (KNIGHT, 1964: p. 33).

É fato que a crítica tradicional sobre a peça está centralizada no papel do príncipe Hamlet, e toda essa crítica à personagem rei Cláudio é desenvolvida através das análises sobre o príncipe. Diante disso, toma-se as ações feitas pelo rei Cláudio, em sua grande maioria, como inapropriada e escandalosa enquanto sua função na peça. Esses julgamentos não são favoráveis ao então rei, por motivos que deixaram de exaltar o príncipe Hamlet. Como exemplo contrário a essa abrangente abordagem, Knight menciona que as ações ditas não civilizadas são forçadas sobre o então rei na peça.

Concentrei-me em virtudes de Cláudio. Portanto, são os seus defeitos, originais desse crime, sua habilidade no tipo menos admirável da política, traição e intriga. Mas eu apontaria claramente que, no movimento da peça, seus defeitos são forçados sobre ele, e ele decide por ação criativa e sábio, um senso de propósito, a benevolência, a fé em si mesmo e aqueles em torno dele, pelo amor de sua rainha (KNIGHT, 1967: p. 39).

Enquanto Knight (1967) o defende no estado de governo excelente, Barbara Heliodora diz que o rei Cláudio corporifica o mal e vê claramente sobre as ações e estratégias da personagem rei Cláudio, a corrupção no poder dinamarquês. Dentro da perspectiva de idolatria ao príncipe Hamlet, Heliodora (2004) também segue o caminho de Harold Bloom (2004), Karl Werder (1907) e Charlton Lewis (1907). Pois todos esses críticos são favoráveis a uma forma de política que está focada no apelo à volta de um passado belo – idealizado pelo príncipe, mas não correspondente ao que, de fato, sempre ocorreu nos bastidores da realeza. Heliodora diz que:

Cláudio, o Rei, é um antagonista impressionante, uma força e uma inteligência que corporificam o mal [...]. As dezenas de imagens de podridão, proliferação desordenada de ervas daninhas, de cancos, de degenerescência e putrefação nascem da ocupação do trono por um assassino – que, à traição, com um veneno derramado no ouvido do monarca adormecido que se espalhou por suas veias, matou o rei – e voltam nossa atenção para a corrupção no estado que nasce com o mau governo (HELIODORA, 2004: p. 138).

Harold Bloom (2004: p.70) explica que “Cláudio é apenas um Maquiavel de terceira categoria”. É um tanto curioso ver a defesa de Knight e as acusações de Heliodora e Bloom, principalmente quando Bloom fala sobre o mau maquiavelismo de Cláudio. Sabemos que a política de Maquiavel é mais focada em manter o poder,

o que o conquistador vai fazer para a conquista não lhe atribui muita função. Nesse sentido, em relação à manutenção do seu poder, o rei Cláudio apresenta características favoráveis a um excelente reinado, firmado aqui nas proposições de Knight.

O rei Cláudio, como visto em Updike, cometeu fratricídio e traiu o irmão, tomando sua esposa é gerando a ideia de um possível incesto. Porém, se atentarmos para a função de rei, notamos um argumento de evolução pretendido por Cláudio mesmo antes de se tornar rei. Voltando a Updike, em um diálogo entre o rei Hamlet e Cláudio, o então futuro “usurpador” diz: “Os homens que lucram com a ordem estabelecida são sempre menos numerosos do que os que depositam suas esperanças numa possível nova ordem” (UPDIKE, 2001: p. 152). Quando analisadas as atribuições de funções a todos os súditos, em *Hamlet*, notamos uma institucionalização dos setores do reinado, algo que não ocorria no comando do rei Hamlet, que buscou centralizar o comando diminuindo o poder do conselho (Polônio) e investindo na política externa de característica bélica.

No Ato I, Cena I, percebemos uma alteração na guarda do castelo. Além de Francisco e Bernardo, o rei Cláudio contrata Marcelo, no intuito de reforçar a guarda e também impulsionar sua vontade de governar, mostrando aos seus inimigos que, mesmo após a queda do rei Hamlet, o reinado dinamarquês não ficou fraco, pelo contrário, vemos que o rei Cláudio se preocupa com a condução do território. Além disso, com a possível ideia de Fortimbrás cortar caminho à Polônia, passando pela Dinamarca. Em *Hamlet*, no Ato I, Cena II, nota-se o momento em que o rei Cláudio toma conhecimento das pretensões do jovem príncipe rebelde.

Acontece que o jovem Fortinbrás,
Num fraco avaliar da nossa força,
Ou pensando que, à morte do meu mano,
Nosso país seria desmembrado;
Juntando a isso sonhos ambiciosos,
Não hesitou em nos mandar ameaças,
No sentido da entrega dessas terras
Perdidas por seu pai, dentro da lei,
Para o nosso valente rei e irmão (SHAKESPEARE, 2004: p. 152).

Shakespeare não deixa claro o resultado da negociação entre os reis: Cláudio e o velho Fortimbrás. Mas, Rodrigo Lacerda em *Hamlet ou Amleto?*, diz que: “Agora a permissão é mencionada por Fortimbrás como fato consumado” (LACERDA, 2015: p. 193). O autor afirma ainda que tais negociações não passaram de um acordo feito nos bastidores da diplomacia internacional. Quando o rei Cláudio envia o príncipe para Inglaterra, em pleno mar, Bloom (2004: p.71) argumenta: “Hamlet encontra o capitão do exército de Fortimbrás cuja missão é informar a Cláudio que as forças norueguesas marcham através da Dinamarca (com a devida permissão), a fim de invadir a Polônia”. Observa-se aqui a permissão feita pela Dinamarca à Noruega.

Focar-se no conflito entre o rei Cláudio e o príncipe Hamlet, motivo da maior preocupação do então monarca e motivo da derradeira catástrofe na peça, permite ilustrar as armações nada ortodoxas do rei para o príncipe, principalmente após o monarca descobrir, por causa da peça dentro da peça, que o príncipe desvendou sua culpa, o fratricídio. É óbvio que o príncipe Hamlet não descobre só; foi necessária a aparição do fantasma do antigo rei, seu pai. Esse fato é bastante questionável se concebermos a discussão do fantasma numa perspectiva de cobrança inconsciente do príncipe que não necessariamente compete à correspondência com os fatos passados – bem contaminados pelo sentimento melancólico do príncipe. Se levássemos em consideração apenas a peça de Shakespeare (e não o romance de Updike), os momentos reveladores de culpa do rei Cláudio acontecem em situações em que Hamlet encontra-se observando cenas – tal qual um espectador que se ausenta de interação e reflete ou imagina a realidade à frente – ou dialogando com o sobrenatural (que pode ser seus próprios demônios). Destaquemos essas situações: Hamlet, em momento de desequilíbrio mental, encontra-se como única testemunha da fala reveladora do fantasma sobre o fratricídio; a confissão do rei Cláudio em seus aposentos ocorre por meio da escuta da consciência conturbada do príncipe Hamlet, que não ataca o monarca pelo medo de enfrentar (ou de revelar para si) a sua própria alucinação; nos aposentos da rainha, o príncipe enxerga o fantasma do pai, mas a própria rainha, sua mãe, não o vê. É provável, desse modo, que exista um fantasma realizando cobranças que podem completar uma razão alucinatória para justificar o conflito do príncipe contra o novo monarca a substituir o rei-pai Hamlet. Nesse caso, estaria toda a crítica tradicional focada numa fantasmagoria do príncipe e acompanharia a alucinação covarde a culpar Cláudio – mas essa também é mais uma das versões possíveis de interpretação da peça e de sua crítica.

A partir dessa peça dentro da peça, o rei envia o príncipe Hamlet à Inglaterra. Nesse caso, segundo Lacerda, “o rei está fazendo marketing político – abafando o ‘precipitado envio’ com uma falsa ‘decisão amadurecida’ – e bolando estratégias de ação nada ortodoxas” (LACERDA, 2015: p. 188). O então rei decide enviar o sobrinho para a Inglaterra com uma suposta ideia de cobrar tributos aos ingleses. O rei sabia que, naquela época, nenhum cobrador seria bem recebido em terras devedoras, principalmente se for representante real, por isso encomenda a morte do sobrinho à Inglaterra.

O rei Cláudio é um homem de perspectivas políticas, uma mimese das táticas de Maquiavel. Tanto é que ao tomar conhecimento da versão do príncipe sobre a autoria da morte do antigo rei, o rei Cláudio começa a tramar a morte do sobrinho, pois ignora a *fortuna* (como fator salvador) apresentada na teoria maquiavélica. Esse monopólio de Cláudio não agrada ao príncipe Hamlet que, possui uma visão mais humanística. O príncipe não aceita o golpe dado pelo tio sobre seu pai, por possuir uma visão idealizada do antigo rei Hamlet, seu pai – ponto esse que tensiona a ideia do complexo de Édipo consagrada pelos estudos freudianos no então príncipe. A idealização, como contraponto ao complexo, promove uma manipulação da imagem paternal como sinônimo da proteção da unidade familiar e do reino concomitantemente.

Quando no Ato III, Cena III, Shakespeare coloca a oportunidade do príncipe vingar seu pai, porém o então rei reza aos céus. Para a conduta cristã do príncipe Hamlet, cheia de receios, seria enviá-lo ao céu se o matasse naquele instante por causa da ocorrência de uma confissão cheia de arrependimentos. Deve ser a vingança em uma outra oportunidade na qual o rei cometa um pecado tão grande que os céus não o aceitem, mandando-o diretamente ao inferno. Oportunidade essa que exigirá um comportamento pagão, agindo de forma bárbara, através da vingança – sem especular perdões ou instituições intermediadoras de decisões jurídicas para punições.

Para além das confusões e convicções religiosas do príncipe, para vingar seu pai, Northrop Frye diz que imperava outra questão sobre a não ação do príncipe na primeira oportunidade: “Tudo bem, foi Cláudio quem começou tudo, mas, se você adotar os métodos de seus inimigos, você se assemelhará a eles, e Hamlet não tem nenhuma vontade de se parecer com Cláudio em seus piores aspectos” (FRYE, 2011: p. 115). Nota-se a não aceitação do rei Cláudio pelo príncipe Hamlet como um parente ou um semelhante.

As táticas adotadas pelo rei Cláudio e citadas por Lacerda, como o *promoveatur ut amoveatur*, o *Danegeld* ou ‘ouro dinamarquês’, que já implica também o controle da *diplomacia internacional* e o *marketing político*, assim como dito por Knight anteriormente, mostram Cláudio como um excelente diplomata. Knight afirma ainda que o príncipe Hamlet nunca seria melhor no trono da Dinamarca, e, se viesse a assumir o trono dinamarquês, sua consciência nunca ficaria livre, pelo mesmo motivo, não alcançaria a excelência de Cláudio no poder. “Ele teria sido envergonhado, mas até então não foi um rei melhor do que Cláudio” (KNIGHT, 1967: p. 46, tradução nossa).

Considerações finais

Defender a personagem rei Cláudio como usurpador não é tão complexo, porém atribuir um posto de usurpador apenas a um personagem é adotar paralogismos com relação à obra *Hamlet* e não entender as idiossincrasias shakespearianas tanto como um reflexo do tempo em que a obra foi escrita como a possíveis leituras na contemporaneidade servindo de suporte para a sua permanência em todos os níveis da crítica. O tema aqui discutido não se restringe apenas à personagem rei Cláudio, mas entender as variadas possibilidades de identificar, relatar e criticar as usurpações contemporâneas. Mesmo após anos de mudança do estilo político presente na época de Shakespeare, parecem ainda não termos despregado totalmente daquele estilo, pois há resquícios e tais não podem passar em branco, como dizem: vivemos na era democrática, onde o poder se faz com a participação do povo. O usurpador perpassa desde um presente “ganhado” até uma esfera política. Assim caracterizamos a personagem rei Cláudio, primeiro ganha terras dadas pelo antigo rei dinamarquês, pai de Gertrudes, depois, insatisfeito com seus bens, decide apossar do que não foi lhe dado por direito: o Estado.

Podemos conspurcar a personagem rei Cláudio, porém não seria audacioso mencionarmos Cláudio como um gênio criado por Shakespeare, pois manipula e faz boas leituras de todos as personagens dentro da própria peça, reforçando o seu monopólio do poder. Quanto ao príncipe Hamlet, pode-se dizer que foi o mais “agraciado” pelo talento do então rei.

Várias são outras cenas que desenharam o caráter de dissimulado de Cláudio. O rei dissimulador do século XVI é, em verdade, um modelo político a traduzir os bastidores políticos na ordenação de poderes até a contemporaneidade. A forma com que foi, é e será trabalhado essas habilidades e jogos políticos pela crítica literária, adotando as táticas maquiavélicas para praticá-las, como exemplo da dissimulação, é uma das oportunidades de se discutir a representação shakespeariana do discurso político e a sua aplicação na atualidade. De forma perspicaz, o romance de Updike permite-nos apresentar um diálogo mais detalhado sobre os bastidores políticos que montaram um monarca ou que foram por ele manipulados – uma espécie de arqueologia criativa que estimula possíveis interpretações sobre os mistérios shakespearianos e suas continuidades na contemporaneidade.

Referências

- AMORA, Mário (2006). *Hamlet: a difícil arte de decidir*. São Paulo: Novo Século Editora. Janeiro: Objetiva.
- BLOOM, Harold. *Hamlet: poema ilimitado*. Tradução por José Roberto O’Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.
- HELIODORA, Barbara (2004). *Reflexões shakespearianas*. Rio de Janeiro: Lacerda Editora.
- KNIGHT, George Wilson (1967). *The Wheel of Fire*. Cleveland: Meridian Books.
- LACERDA, Rodrigo (2015). *Hamlet ou Amleto? Shakespeare para jovens curiosos e adultos preguiçosos*. Rio de Janeiro: Zahar.
- LEWIS, Charlton Miner (1907). *The Genesis of Hamlet*. New York: Henry Holt and Company.
- MAQUIAVEL, Niccolò Del (2006). *O Príncipe*. Tradução pela Equipe Escala de Tradutores. São Paulo: Escala Educacional.
- SHAKESPEARE, William (2004). *Hamlet*. Tradução por Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça. Rio de Janeiro: Objetiva.
- UPDIKE, John (2001). *Gertrudes e Cláudio*. Tradução por Paulo Henriques Brito. São Paulo: Companhia das Letras.
- WERDER, Karl (1907). *The Heart of Hamlet’s Mystery*. London: The Knickerbocker Press.

MENDES, Adelson Oliveira; PRADO, Thiago Martins Caldas. O real e as aparências na personagem rei Cláudio, no comando da coroa dinamarquesa, em Hamlet, de William Shakespeare. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 8, n. 3, p. 218-228, set.-dez. 2019.

O autor

Adelson Oliveira Mendes é pós-graduado Lato Sensu em Produção Textual, Gramática e Literatura (FAC). Graduado em Licenciatura em Letras - Língua Inglesa e Literaturas, pela instituição de ensino Universidade do Estado da Bahia. Atuou como Bolsista integrante de Iniciação Científica na graduação, durante três editais, apoiado pelos programas: PIBIC/CNPq, PICIN/UNEB e FAPESB. Possui artigos publicados em periódicos e anais de eventos científicos. Integrante dos dois grupos de pesquisa (Estudos Interdisciplinares sobre Contemporaneidade: Língua, Literatura e Educação; e Estratégias literárias em discursos contemporâneos sobre crise) coordenados pelo professor pós-doutor Thiago Martins Caldas Prado.

Thiago Martins Caldas Prado é professor adjunto da Universidade do Estado da Bahia, doutor em Letras pela UFBA (2011), possui mestrado em Letras pela UFBA (2005) e graduou-se em Letras Vernáculas (licenciatura e bacharelado) pela mesma universidade (2002). Integra a equipe de permanentes do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens (PPGEL-Uneb), compõe a equipe de professores do Curso de Letras do DCHT XXIII no Campus de Seabra-Uneb e integra como colaborador o Programa de Doutorado Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento. É membro titular do Comitê Institucional de Iniciação Científica da Uneb, responsável pela Área de Letras, Linguística e Artes.